

## A DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA DA EXPERIÊNCIA ERÓTICA: APROXIMAÇÕES ENTRE VIDA E MORTE

### THE EPISTEMOLOGICAL DIMENSION OF EROTIC EXPERIENCE: APPROCHES BETWEEN LIFE AND DEATH

Gina Valbão Strozzi<sup>1</sup>

Doutora em Ciências da Religião PUC-SP  
ginastrozzi@mackenzie.br

**Resumo:** Georges Bataille afirma que *o erotismo é a aprovação da vida até na morte*. Considera-o a experiência que permite ir além de si mesmo e superar a descontinuidade que condena o ser humano. O erotismo coloca em jogo dois seres descontínuos. Entre um ser e o outro há um abismo, uma descontinuidade e um jogo em que a continuidade está intimamente ligada à morte. No tocante a isso, este *paper* tem por finalidade apontar a dimensão epistemológica da experiência erótica no encontro da *vida e morte*, encontro esse que desafia o ato da continuidade e descontinuidade humana, superando o ser e condenando esse ser.

**Palavras-chave:** Morte, Vida, Erotismo, Religião

**Abstract:** Georges Bataille states that *the eroticism is the reinforcement of life even in death*. It considers the experience that allows one to go beyond oneself and to overcome the discontinuity that condemns the human being. The eroticism plays with two discontinuous beings. In between them there is an abyss, a discontinuity and a game where the continuity is utterly connected to death. In this sense, this paper has as its objective to point out the epistemological dimension of the erotic experience in the meeting of life and death, a meeting that challenges the continuity and discontinuity of the human condition, going beyond and condemning the human being.

**Keywords:** Death, Life, Eroticism, Religion

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

## Vida e Morte

**B**ataille<sup>2</sup> (2004, p.19) afirma que “o erotismo é a aprovação da vida até na morte”. Considera-o a experiência que permite ir além de si mesmo, superar a descontinuidade que condena o ser humano.

Diante disso, e se é verdade que o erotismo se define pela independência do gozo e da reprodução como fim, o sentido fundamental da reprodução não deixa de ser a “chave do erotismo”.

A reprodução coloca em jogo dois seres descontínuos. Entre um ser e o outro há um abismo, uma descontinuidade. Para os seres descontínuos, a morte tem o sentido da continuidade do ser: a reprodução leva à descontinuidade dos seres e coloca em jogo a continuidade, essa está intimamente ligada à morte (BATAILLE, 1987).

Corroborando com Bataille, Girard (1990, p. 319) anuncia a morte como a pior violência que se pode sofrer; é, portanto, extremamente maléfica. Com a morte, a violência contagiosa penetra na comunidade, e os vivos devem proteger-se. Eles isolam o morto, tomam precauções de todos os tipos e, sobretudo, praticam ritos fúnebres, análogos a todos os outros ritos, visando à purificação e à expulsão da violência.

Independentemente das causas e das circunstâncias da morte, aquele que morre sempre se encontra diante de toda a comunidade, numa relação análoga à da vítima expiatória. A tristeza dos sobreviventes é acompanhada de uma curiosa mistura de horror e de reconforto propícia às resoluções de boa conduta. A morte do indivíduo isolado mostra-se vagamente como um tributo a ser pago para que a vida coletiva possa continuar. Um único ser morre, e a solidariedade de todos os vivos é reforçada.

No contexto da violência, se a vítima expiatória morresse, a comunidade, ameaçada de morrer toda com ela, renasceria para a fecundidade de uma ordem

<sup>2</sup> Georges Bataille nasceu em Billon, França, em 1897; morreu em Paris, aos 65 anos. Foi aluno da escola de documentalistas e trabalhou toda a vida como arquivista e bibliotecário em Paris, na Biblioteca Nacional da França. Convertido ao catolicismo, Bataille frequentou o seminário em Reims, abandonando-o, em 1917; pela École Nationale des Chartres, foi seminarista e quase se tornou padre. Depois, perdeu a fé.

cultural nova ou renovada. Após ter semeado os germes da morte por toda parte, o deus, o ancestral ou o herói mítico, morrendo ele próprio, ou fazendo morrer a vítima escolhida por eles, traz aos homens uma nova vida. Como se surpreender se a morte, assim, em última análise, é percebida como a irmã ou como fonte ou mãe de toda a vida?

Na morte há morte, mas também há vida. Não existe vida, no plano da continuidade que não fale da morte. Assim, a morte pode aparecer como a verdadeira divindade, como o lugar onde o mais benéfico e o mais maléfico se reúnem. A dualidade do maléfico e do benéfico encontra-se até na materialidade da morte. Enquanto durar o processo de decomposição, o cadáver é muito impuro. Mas, uma vez concluído o processo, uma vez esgotado o dinamismo terrível da decomposição, a impureza desaparece (...) (GIRARD, 1990, p.320).

O termo em latim *sacer*, que ora se traduz por “sagrado” e ora por “maldito”, inclui tanto o maléfico quanto o benéfico, bem como a idéia de morte e vida. O sagrado tem essas duas faces. De um lado, essa palavra qualifica todas as transgressões reais, todas as práticas sexuais proibidas e mesmo lícitas, todas as formas de violência e brutalidades, as coisas sujas, a podridão, qualquer forma monstruosa, assim como a disputa entre próximos, os rancores, a inveja, os ciúmes; e, de outro lado, qualifica o vigor criador e ordenador, a estabilidade e a serenidade.

Relatando os ritos de passagem, no que diz respeito à morte para o homem religioso, Eliade (2002, p.150-51) declara que são os mais complexos, visto que se trata não apenas de um *fenômeno natural* (a vida, ou a alma, abandonando o corpo), mas também de uma mudança de regime ao mesmo tempo ontológico e social: o defunto deve enfrentar certas provas que dizem respeito ao seu próprio destino *post-mortem*, mas também ser reconhecido pela comunidade dos mortos e aceito entre eles.

Para certos povos, só o sepultamento ritual confirma a morte: aquele que não é enterrado segundo o costume não está morto. Além disso, a morte de uma pessoa só é reconhecida como válida depois da realização das cerimônias funerárias, ou quando a alma do defunto foi ritualmente conduzida à sua nova morada, no outro mundo, e lá foi aceita pela comunidade dos mortos.

Sobre a função do sacrifício, Bataille (1973a) ressalta que “matar, na verdade, nem sempre tem significado literal”,mas, quanto maior a negação da ordem real, mais favorável é o aparecimento da ordem mítica. Por outro lado, a morte sacrificial representa uma posição de relevância, pois resolve por inversão a penosa antinomia da vida e da morte. Com efeito, a morte nada é na imanência, mas, como nada é, nenhum ser nunca está verdadeiramente separado dela. Por não ter sentido, *por não haver diferença entre a morte e a vida*, por não haver contra ela nem defesa nem temor, ela tudo invade sem suscitar resistências.

A duração, pois, deixa de valer, ou aí só aparece para engendrar o doentio deleite da angústia.

O tempo por vir constitui tão bem esse mundo real que nele a morte deixa de ter lugar. Mas é justamente por isso que aí ela é tudo. Com efeito, a fraqueza (a contradição) do mundo das coisas – se bem que a permanência do homem a esse mundo se liga à posição do corpo como coisa, na medida em que é mortal – é dar à morte um caráter de irrealdade (...) (BATAILLE, 1973b, p.39).

Esse é, na verdade, um aspecto superficial. O que não tem seu lugar no mundo das coisas, o que, no mundo real, é irreal, não é exatamente a morte. A morte, com efeito, trai a impostura da realidade. Não apenas porque a ausência de duração recorda-lhe a ilusão, mas, sobretudo, por ser a grande afirmação, é como que o grito maravilhoso da vida.

A ordem real rejeita menos a negação da realidade que é a morte, do que a afirmação da vida íntima, imanente, em que a violência sem medida é um perigo para a estabilidade das coisas e que só é plenamente revelada na morte. A ordem real deve anular – neutralizar – essa vida íntima e substituí-la pela coisa que é o indivíduo na sociedade. Mas ela não pode fazer com que o desaparecimento da vida na morte não revele o clarão invisível da vida que não é uma coisa (...) (1973b, p. 40).

Pontua-se inegavelmente que a potência da morte significa que esse mundo real só pode ter uma imagem neutra da vida, que a intimidade só revele sua consumição no momento em que desaparece. A morte revela a vida em sua plenitude e faz naufragar a ordem real. Uma opinião ingênua relaciona diretamente a morte à tristeza. As lágrimas dos vivos, que respondem à minha chegada, estão longe de ter um sentido oposto à alegria. “Longe de serem

dolorosas, as lágrimas são a expressão de uma aguda consciência da vida comum captada em sua intimidade (1973 (b), p.40)”.

É verdade que essa consciência nunca é tão aguda quanto no momento em que a ausência sucede subitamente à presença, como na morte ou na simples separação. E, nesse caso, o consolo (no sentido forte da palavra, nos “consolos” dos místicos) está de certa forma, penosamente ligado ao fato de que ele não pode durar, mas é precisamente o desaparecimento da duração, e ainda o das condutas neutras que lhe estão ligadas, que descobre que a necessidade de duração nos furta a vida e que, somente em princípio, a impossibilidade da duração nos liberta.

Em *A Experiência Interior*, Bataille (1992) adverte que o *eu* rumo numa busca honesta, e nesta, ele se vê ignorado, precisamente como um nada.

Se considero a minha vida ao mundo – ligada ao nascimento e depois à conjunção de um homem e de uma mulher, e mesmo, ao instante da conjunção – uma oportunidade única decidiu a possibilidade desse “eu” que sou: em última instância, a louca improbabilidade do único ser sem o qual, para mim, nada existiria. A menor diferença na seqüência da qual sou o término: em vez do “eu” ávido de ser eu, só haveria, quanto a mim, o nada, como se estivesse morto (...) (p.75).

O que se dissipa nele, desde que se coloque o problema da existência substancial, é precisamente o que ele quer ser: o que ele precisa é uma vaidade vazia, improvável, no limite do pavor, e sem relação verdadeira com o mundo. Dissipa-se o improvável, um fundamento, o que não se pode retirar. E o autor continua:

Se a consciência que tenho de mim se escapa no mundo, se trêmulo, abandono toda esperança de acordo lógico e dedico-me à improbabilidade (...) posso aprender o eu em lágrimas, na angústia, mas é somente na proximidade da “morte” que, sem falta, eu saberei do que se trata (...) (1992, p.77).

Aqui nasce uma pergunta importante: quem é capaz de [não] morrer? Bataille discorre sobre o “eu-que-morre”, então, pode-se, peremptoriamente, ter uma afirmativa. Ao pesquisar sua obra, constata-se que o “eu-que-morre”, se não alcançou o estado de “soberania moral”, até mesmo nos braços da morte, mantém, com as coisas, uma espécie de acordo em ruínas. Ele, sem dúvida, desafia o mundo, mas debilmente, e furta o seu próprio desafio, esconde até o

fim, de si mesmo, o que ele era. Sedução, poder e soberania são necessários ao “eu-que-morre”: *é preciso ser um deus para morrer*.

Bataille recorre a uma analogia<sup>3</sup> acerca da morte, do movimento, do crescimento e da continuidade na reprodução para ilustrar sua concepção de interdição à continuidade. O autor defende que, mesmo fora da atividade sexual, há continuidade, ou seja, há continuidade no interior do organismo assexuado.

Imagine-se o organismo assexuado **a**. Logo que **a'** e **a''** aparecem, a continuidade não será suprimida de uma só vez, mas haverá essa suspensão em algum momento, que é definido pela pletora; ela coloca a continuidade em jogo. A pletora dá início a um deslocamento no qual o ser se divide. A crise separadora não é ainda a separação, mas a ambigüidade.

Na pletora, o ser passa da calma, do repouso, ao estado de agitação violenta: essa turbulência e essa agitação atingem o ser inteiro, elas o atingem em sua continuidade. Mas a violência da agitação, que acontece antes do seio da continuidade, pede a violência da separação, da qual procede a descontinuidade. A calma, enfim, retorna com a separação finalizada, na qual se acham dois seres distintos (2004, p.150).

Bataille alega que a superabundância está na origem da reprodução e com ela há o desaparecimento do “individual”, daí a idéia descrita acima do desenvolvimento impessoal. Com efeito, é errônea a idéia de que a imortalidade é emprestada às células que se dividem. A célula **a** não sobrevive em **a'** nem em **a''**, **a'** é diferente de **a** e de **a''**, positivamente, **a**, na divisão, deixa de existir, **a** desaparece, morre.

Assim, a pletora da célula acaba na morte criadora, na saída da crise quando a continuidade dos novos seres aparece, uma vez que na origem eles são apenas um, mas para desaparecer em sua divisão definitiva (...) (2004, p.151).

Nesse contexto, a morte, que suprime a descontinuidade individual, aparece toda vez que a continuidade se revela. A reprodução assexuada a dissimula ao mesmo tempo em que a assume: nela a morte desaparece na morte, ela é subtilizada. A reprodução assexuada é a verdade última da morte: a morte

<sup>3</sup> O autor desenvolve um esquema bio-filosófico para definir a proposição da continuidade, ver Bataille (2004, p.147 e ss.).

anuncia a descontinuidade fundamental dos seres. “Somente o ser descontínuo morre, e a morte revela a mentira da descontinuidade” (2004, p.151).

Dito isso, sabemos que entre a descontinuidade e a continuidade dos seres, o único fato que intervém na reprodução sexuada é a fusão das células do masculino e do feminino. É essa fusão que acaba por revelar a continuidade fundamental: nela a continuidade perdida pode ser reencontrada.

Na visão do autor, da descontinuidade dos seres sexuados, procede um mundo pesado, opaco, no qual a separação individual está fundada sobre o mais pavoroso: a angústia da morte e da dor da separação. No entanto, nos limites deste mundo triste, a continuidade se encontra no caso privilegiado da fecundação: a fecundação — a fusão — seria inconcebível se a descontinuidade aparente dos mais simples seres animados não fosse um engano.

Nesse contexto, a atividade sexual é vista como um momento de crise do isolamento. O objetivo fundamental da crise é a pletora. Por conseguinte, tem-se na esfera dos seres assexuados esse aspecto desde o princípio: existe o crescimento, e esse determina a reprodução — em consequência, a divisão —, que determina a morte do indivíduo pletórico. Na esfera dos sexuados, esse aspecto é mais nebuloso, pois essa superabundância comanda a morte. A morte está presente, pedindo a multiplicação, pedindo a superabundância de vida.

Bataille aproxima o *constructo* da morte com o erotismo, vê a reprodução se ligando à morte como um caráter inegável, e mais do que isso, postula acerca de que a morte e a reprodução fazem na *experiência interior* de todo ser.

A experiência interior traz o sentimento de si, o sentimento de seus limites. Caso esses limites mudem, o ser é atingido nesse sentimento fundamental. Daí a crise do ser, trazendo o sentido de si. Particularmente, na sexualidade, o sentimento *dos outros*, além do sentimento *de si*, introduz entre dois uma continuidade possível que se opõe à descontinuidade primeira.

Com a vida do homem, estamos naturalmente na experiência interior, os elementos exteriores se reduzem à sua interioridade (...) imprime o caráter das passagens da descontinuidade para a continuidade no erotismo que diz respeito ao conhecimento da morte que, desde o início, liga no espírito do

homem a ruptura da descontinuidade – e o deslocamento que se segue em direção a uma continuidade possível – à morte (...) (2004, p.163).

A morte para Bataille significa, num sentido vulgar, inevitável, mas num sentido profundo, inacessível. Ele acredita que o animal a ignora, embora ela atire o homem na animalidade. É a animalidade de um deus essencial à sua natureza, ao mesmo tempo suja e sagrada. É no halo da morte, se somente aí que o *eu* funda a sua autoridade. Não há mais Deus na inacessível morte, só se ouve uma frase entre todos os homens, os quais sobrecarregam o momento de um horror sagrado, dizendo: *lamma sabachtani*<sup>4</sup>.

(...) o sofrimento é unido à morte de maneira profunda, e seu horror sobressai a cada linha. Imagino que o sofrimento é sempre esse mesmo jogo do último naufrágio. Uma dor significa pouca coisa e não é claramente diferente de uma sensação de prazer, antes da náusea, do frio íntimo, onde sucumbo. Uma dor é talvez, somente uma sensação incompatível com a unidade tranqüila do eu: alguma reação, externa ou interna, coloca em jogo a frágil ordem de uma existência compósita, decompõe-me, e é do horror desta ação ameaçadora que empalideço. Não que uma dor seja necessariamente ameaça de morte: ela revela a existência de ações possíveis às quais o eu saberia sobreviver, ela evoca a morte, sem introduzir uma verdadeira ameaça (...) (1992, p.79).

Acompanhando o pensamento do autor, a morte, diante da razão, tem pouca importância, sendo ela quase uma impostura. O caráter angustiante da morte significa a necessidade de que o homem tem da angústia. Sem essa necessidade, a morte lhe pareceria fácil. O homem morrendo “mal” se distancia da natureza, ele engendra um mundo ilusório moldado pelo trágico. Aqui é bom lembrar que, para Bataille, nada é trágico, nada é trágico para o animal, que não cai na armadilha do “eu”.

Pode-se, então, dizer que a morte, o prazer e a vida estão ligados à natureza humana, e como afirma Paz:

A morte é inseparável do prazer, Tântos é a sombra de Eros. A sexualidade é a resposta à morte: as células se unem para formar outra célula e assim se perpetuam. Desviado da reprodução, o erotismo cria um domínio isolado regido por uma deidade dupla: o prazer que é a morte (...) (Paz, 1994, p.145).

<sup>4</sup> Palavras de Jesus na Cruz – *Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?* (Mt 27:46).



É no mundo trágico, artificial, que nasce o êxtase. O autor afirma que todo “conhecimento místico” está fundado na crença do valor revelador do êxtase. A paixão do “eu”, o amor nele, busca um objeto. Mas ele não é nada. Bataille, numa passagem autobiográfica, resume: “a morte, libertando-me de um mundo que me mata, tranca, de fato, este mundo real na irreabilidade de um ‘eu que morro’”. (1992, p. 81). Há uma afinidade entre a reprodução e a morte. “A morte é a decomposição e a renovação da vida. A morte e a reprodução se opõem como a negação à afirmação” (2004, p. 84).

Para o autor, a morte é, em princípio, o contrário de uma função cujo nascimento é o fim, mas a oposição é redutível. A morte de um é o correlativo do nascimento do outro, que ela anuncia e do qual ela é a condição.

Há um apontamento da vida como sendo sempre um produto da decomposição da própria vida. E, explica: a vida é tributária da morte, que lhe cede lugar; e, da decomposição, que sucede a morte e recoloca em circulação as substâncias necessárias à incessante vinda ao mundo de novos seres.

Apesar disso, a vida é a negação da morte. Ela é sua exclusão, sua negação. Na espécie humana, essa reação é a mais forte, e o horror à morte não está somente ligado ao aniquilamento do ser, mas à podridão que envolve a fermentação geral da vida.

A hipótese que Bataille advoga é a de que o respeito profundo ligado à representação solene da morte, que pertence à civilização idealista, desenvolveu por si só uma oposição radial. Quer dizer, o horror mantinha a consciência de uma identidade do aspecto aterrador da morte, de sua decomposição fétida e dessa condição elementar à vida, que provoca náusea. O momento de maior angústia pertence à fase de decomposição, a expressão do rancor e do ódio dos quais os vermes se alimentam e que os ritos do luto têm como fim apaziguar, e pensam, então, que os ossos embranquecidos respondem ao apaziguamento desse ódio.

O cadáver ao suceder o homem vivo não é mais nada: da mesma maneira nada de tangível nos provoca objetivamente a náusea, nosso sentimento é aquele de um vazio e nós o experimentamos no enfraquecimento.

Os ossos embranquecidos colocam fim à proximidade fundamental da morte e da decomposição da qual jorra a vida profusa.

O poder de engendrar da podridão é uma crença ingênua que responde ao horror misturado com a atração que ela exerce sobre nós. Essa crença está na base de uma idéia de que tivemos da natureza, da natureza má, da natureza que causa vergonha: a decomposição resumia esse mundo do qual somos oriundos e ao qual retornamos; nessa representação, o horror e a vergonha se ligavam ao mesmo tempo ao nosso nascimento e à nossa morte (...) (2004, p. 86).

Advêm então, as reações que se chamam náuseas, enjôo, repugnância. A morte anuncia o retorno à purulência da vida. O horror que se tem dos cadáveres é vizinho dos sentimentos que se tem diante dos excrementos humanos. Esse paralelo tem ainda mais sentido se considerarmos o horror análogo em relação aos aspectos da sexualidade que se qualificam de obscenos.

No humano, a analogia da podridão com os aspectos da atividade sexual acaba por misturar as náuseas que nos opõem a ambos. As reações humanas precipitam o movimento: a angústia precipita o movimento e o torna ao mesmo tempo mais sensível. A princípio, a atitude do homem é a recusa. O homem obstinou-se em não mais seguir o movimento que o carregava, mas, dessa maneira, ele só pôde precipitá-lo e tornar sua rapidez vertiginosa.

Nas interdições essenciais, a recusa que opõe o ser à natureza, considerada como uma dissipação de energia viva e como uma orgia do aniquilamento, não mais faz diferença entre a morte e a sexualidade.

A sexualidade e a morte não são nada além de movimentos agudos de uma festa que a natureza celebra com a inesgotável multidão de seres, ambos tendo o sentido de desperdício ilimitado ao qual a natureza vai ao encontro do desejo de durar, que é o próprio de cada ser (...) (2004, p. 95).

No tocante a isso, a longo ou curto prazo, a reprodução exige a morte daqueles que engendram, que só engendram para estender o aniquilamento, da mesma maneira que a morte de uma geração exige uma nova geração. Um longo período pode ser concebido entre a morte e a reprodução como objeto, é como uma unidade sensível e um complexo indivisível.

Bataille afirma que a partir daqui é como se o homem, de uma vez só, houvesse inconscientemente apreendido o que a natureza tem de impossível, exigindo dos seres que ela suscita que participem desse furor. Exige-se um esforço, trata-se de um tempo em pausa, não de uma última imobilidade. Na verdade, os homens jamais opuseram um não definitivo à violência. Em momentos de fraqueza, eles se fecharam ao movimento da natureza. Esse movimento é desmesurado. É preciso muita força para perceber a ligação entre a promessa da vida, que é o sentido do erotismo e o aspecto da morte.

Essa questão é complexa, e para melhor elucidá-la, Bataille anuncia o erotismo aproximado da atividade reprodutora, que por ele é considerada uma forma de crescimento.

O erotismo (...) é uma atividade humana. Mas, ainda que ele comece onde acaba o animal, a animalidade não deixa de ser seu fundamento. A humanidade se desvia desse fundamento com horror, mas ao mesmo tempo o mantém. A animalidade é tão bem mantida no erotismo que o termo animalidade, ou bestialidade, está a ele sempre ligado. Foi de uma maneira abusiva que a transgressão da interdição ganhou o sentido de um retorno à natureza, cuja expressão é o animal. Contudo, a atividade à qual a interdição se opõe é semelhante à dos animais. Sempre associada ao erotismo, a sexualidade /é para o erotismo o que o pensamento é para o cérebro: da mesma maneira, a fisiologia permanece sendo o fundamento objetivo (...) (2004, p. 146).

O autor estabelece no plano da realidade objetiva a relação com o movimento e sintetiza a ação da sexualidade. Diz que a vida sempre mobiliza, salvo no caso da impotência. Nesse aspecto, a sexualidade é de uma maneira fundamental, ambígua: mesmo uma atividade sexual independentemente de seus fins reprodutivos, não deixa de ser uma atividade de crescimento.

Esse pressuposto é importante, pois aponta para a idéia de que se fazemos amor, a reprodução está em jogo, e o que coloca a reprodução em jogo é o crescimento impessoal<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Para Bataille, quando fazemos amor, há um crescimento, mas esse crescimento não é o nosso. Nem a atividade sexual, nem a cissiparidade garantem o crescimento do próprio ser que se reproduz, seja por meio da cópula ou, mais simplesmente, pela divisão. O crescimento impessoal consiste num desenvolvimento em proveito de um ser ou de um conjunto que nos ultrapassa enquanto seres que desejam o crescimento. O crescimento não deve acarretar mudança. O crescimento nesse sentido é um dom.

Entende-se que a relação entre erotismo e morte se estabelece a partir de numa aproximação tal que se pode chamar de aspecto nefasto. O que há na apreensão da morte? Tira-se o fôlego, o que, de alguma maneira, no momento supremo, deve cortar a respiração.

O princípio mesmo do erotismo aparece – conquanto em sua dimensão epistemológica – como um movimento animal em nós, mas esse transe dos órgãos não é livre. Ele não pode se permitir livre curso sem o acordo da vontade. O transe dos órgãos incomoda uma ordenação. O ser, na verdade, divide-se, sua unidade se rompe desde o primeiro momento da crise sexual<sup>6</sup>. Essa cisão sugere o surgimento das ambigüidades.

Eis uma verdade: a convulsão da carne é tanto mais precipitada quanto mais estiver próxima do enfraquecimento, e, por outro lado, o enfraquecimento favorece a volúpia, “a angústia mortal não leva necessariamente à volúpia, mas a volúpia é mais profunda na angústia mortal”(2004, p. 164).

Nesse momento, a vida pletórica da carne se bate contra a resistência do espírito. Mesmo o acordo aparente não basta: a convulsão da carne, além do consentimento, pede o silêncio, pede a ausência do espírito. Uma intumescência de sangue derruba o equilíbrio sobre o qual a vida se funda e um furor toma conta do ser. Esse movimento não pode se permitir livre curso sem antes quebrar uma barreira. Para o autor, no espírito, curso natural e barreira se confundem. O curso natural significa a barreira derrubada. A barreira derrubada significa o curso natural. A barreira derrubada não é a morte.

A teologia cristã, com efeito, assimila a ruína moral consecutiva ao pecado da morte à carne e assim reduz ao sentimento de uma transgressão a estabilidade geral e a conservação da vida.

Somos admitidos ao conhecimento de um prazer no qual a noção de prazer se mistura ao mistério expressivo da interdição que determina o prazer ao mesmo tempo em que o condena. De tal maneira, a essência do erotismo é dada na associação inextrincável do prazer sexual com a interdição.

---

<sup>6</sup> Isso nos lembra a analogia bio-filosófica estabelecida por Bataille.

Humanamente, nunca a interdição aparece sem a revelação do prazer, nem o prazer sem o sentimento de interdição.

A transgressão é o fator constitutivo da humanidade que a atividade laboriosa organiza. A transgressão é, ela mesma, organizada. O erotismo é, no conjunto, uma atividade organizada, e é na medida em que é organizado que ele muda através do tempo (...) (2004, p. 169).

A transgressão, nesse sentido, é a mola propulsora da vida. Sem ela o erotismo morreria na interdição, com ela há uma organização para o além dos limites, para a continuidade. A morte tratada é a que se refere ao erotismo. Quando o erotismo morre, há a morte, há a interdição maior: da continuidade.

## Referências

- BATAILLE, Georges. *A experiência interior*. São Paulo: Ática, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O Erotismo*. São Paulo: Arx, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Histoire de l'érotisme. Oeuvres Complètes*. tome VIII. Paris: Gallimard, 1973a.
- \_\_\_\_\_. *Theorie de la religion*. Paris: Gallimard, 1973b.
- \_\_\_\_\_. *La signification de l'érotisme*. In *Oeuvres complètes*. (v. 9). Paris: Gallimard, 1987.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o Profano – a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GIRARD, René. *A Violência e o Sagrado*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.
- PAZ, Octavio. *A dupla Chama*. São Paulo: Siciliano, 1994.

*Recebido em abril de 2008.*

*Aprovado em maio de 2008.*